

# Do parnaso aos slams: as antologias como espaço de encontro com a poesia

José Hélder Pinheiro Alves\*

Quando miramos nossa historiografia literária, no decorrer dos últimos dois séculos, destaca-se, dentre tantas outras questões, a tradição das antologias de poemas. A primeira foi *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil*, organizada por J. M. P. da Silva, publicada em 1848, que, por sua vez, retoma o *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas quanto já impressas*, de 1829-1832, organizada pelo cônego Januário da Cunha Barbosa. Ainda no século XIX, a antologia de maior abrangência é *Florilégio da poesia brasileira*, organizado por Francisco Adolfo Varnhagen em três tomos.<sup>1</sup> No século XX, sobretudo a partir do Modernismo, haverá uma diversidade de antologias de poemas que ainda não foram estudadas – considerando, dentre outros, os critérios de escolha de autores(as) e poemas. Mais especificamente sobre a poesia moderna, são inúmeras as obras organizadas com critérios os mais diversos e todas voltadas para divulgação de nossas riquezas poéticas. Chama a atenção o importante trabalho do poeta Manuel Bandeira, que organizou várias antologias sobre a poesia brasileira, já adotando a divisão por dos estilos de época, classificação que não ocorre nas obras do século XIX. Um exemplo significativo do trabalho do poeta é *Antologia dos poetas brasileiros da fase Romântica*, cuja primeira edição é de 1936. Na esteira do trabalho de Bandeira, outras obras surgiram, como a coleção completa da poesia brasileira das primeiras manifestações à poesia moderna, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, a *Antologia da Moderna Poesia Brasileira*, de Fernando Ferreira de Loanda, *Poesia do Modernismo*, de Mário da Silva Brito, para ficar nas que tiveram um circulação mais ampla.

---

\* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutor em Letras-Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Literatura Brasileira pela UFMG. Professor Titular de Literatura Brasileira Universidade Federal de Campina Grande, PB, onde atua no PPGLE-UFCG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>..

1 Para uma visão mais precisa das antologias do século XIX ao século XX, bem como das obras historiográficas da literatura brasileira, consulte-se o ensaio de Cairo (1995).

Na segunda metade do século XX, mais especificamente nas duas décadas finais e início do século XXI, começam a surgir as antologias temáticas, como as que congregam poemas eróticos e pornográficos (MORAES, 2015; BUENO, 2004), poemas afro-brasileiros (BERND, 2011). Também, nessa época, começam a surgir as antologias de autoria feminina, como *Palavra de mulher*, organizada por Maria de Lourdes Hortas (1979), viés que vem ganhando uma dimensão mais ampla nos últimos anos. A que tem um lastro histórico mais amplo, nesse âmbito é *As mulheres poetas na literatura brasileira*, organizada por Rubem Jardim (2021). Há também, nesse período, as antologias organizadas por estado, dando visibilidade a poetas e poetisas que não tiveram repercussão nacional, trabalho capitaneado pelo crítico e pesquisador Assis Brasil. Quase todos os estados foram contemplados com esse projeto, cujo título segue um padrão: *A Poesia cearense, A Poesia piauiense, A Poesia mineira, A Poesia maranhense do século XX*, dentre tantas outras.

Pouco ou quase nada conhecidas no âmbito acadêmico são as antologias que recolheram a poesia de nossa rica tradição oral e popular, com ênfase para o que se passou a denominar, a partir da década de 1960, de Literatura de cordel. Destaque-se aqui o pioneirismo da obra *Violeiros do Norte*, do pesquisador cearense Leonardo Mota, cuja primeira edição é de 1925. Mas a obra que teve mais divulgação foi *Antologia popular em versos*, organizada por Manoel Cavalcanti de Proença, que recolhe folhetos de cordéis que circularam do início do século XX até a década de 1960.

Outro filão de antologias iniciado no século XIX e que a partir da segunda metade do século XX tomou fôlego, foi o de poemas infantis. Lembramos aqui antologias como *O livro das aves*, organizador por Presciliana Duarte e, posteriormente, o trabalho de Henriqueta Lisboa (*Poemas para infância e Poemas para juventude*). Mário da Silva Brito e Cassiano Ricardo (1968) nos legaram *Poesia brasileira para infância*, que teve apenas uma edição. Contemporaneamente, chamamos a atenção para a obra *Poemas que escolhi para as crianças*, organizada por Ruth Rocha (2013) e para a *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade*, organizada por Adriana Calcanhoto (2014).

Pensar a presença de antologia no espaço escolar sempre me acompanhou ao longo da vida profissional, quer como estudante-leitor em formação, quer como professor no ensino básico e, posteriormente,

na universidade. Quero ver nas antologias um instrumento de grande importância para o trabalho de aproximação de crianças e jovens com a poesia. Se, quando criança, não tive acesso a livros, na adolescência me encontrei com algumas antologias que foram definitivas para minha formação. Elas me trouxeram uma diversidade rica de autores(as) que eu não conhecia e uma quantidade de poemas que nem sempre eu compreendia. Mas alguns como que me absorviam, levando-me, muitas vezes, a decorá-los, embora não soubesse muito por que havia sido tomado por eles.

Duas antologias foram determinantes na minha formação: *Poemas para juventude*, de Henriqueta Lisboa e, posteriormente, *Poesia moderna*, de Péricles Eugênio da Silva Brito. A primeira, organizada a partir de uma perspectiva mais didática, mas sem concessões quanto ao valor estético dos poemas, me fez descobrir, por exemplo, Cecília Meireles, que eu conheci numa crônica no livro didático de oitava ou sétima série. Foi aí que me encontrei com “Canção da tarde no campo”, poema que me acompanha até hoje. Também lá descobri que havia tantos autores e autoras que escreviam poemas.

A segunda, chegou-me a partir de um diretor de teatro que nos emprestou sua antologia – e está comigo até hoje – para que lêsemos e encenássemos “No meio do caminho”, num tempo de cinco minutos... E foi aí que eu comecei a me aproximar de um certo senhor chamado Carlos Drummond de Andrade. E também que descobri um poeta falando das noites de São João, que eu tanto gostava: o senhor Manuel Bandeira. Não foi a escola que me trouxe essas figuras, foi aquela antologia. Eu ia lendo sozinho, sem entender muita coisa, mas sabendo que tinha ali um universo que me atraía como um ímã. Por onde andei – São Paulo, Minas, São Paulo novamente, Fortaleza, Paraíba – elas me acompanharam. Cheguei a perder uma delas e depois consegui um exemplar similar num sebo.

Por certo, cada leitor terá uma vivência diferente com livros em geral e com antologias de poemas. Mas minha experiência me faz pensar na importância que esse tipo de obra pode ter para contribuir na formação de leitores. Primeiro, porque ela traz um leque de possibilidades de autores(as) e textos que podem se destacar para diferentes leitores em certos momentos de suas vidas, como aconteceu comigo. Penso, a partir de minha experiência profissional, que poderíamos indicar antologias para serem lidas ao longo do ensino médio, não como um “paradidático” que será cobrado numa prova,

mas como uma pequena biblioteca de versos a serem visitados e revisitados a qualquer hora, em qualquer momento. Isso mesmo: uma antologia – ou várias, por autores, por temas, por formas, etc. – que os leitores pudessem acessar na hora que quisessem, como desejassem e para que também pudessem compartilhar com os colegas seus gostos, suas descobertas, suas dúvidas e incompreensões.

Quando organizei uma antologia de poemas infantis e juvenis para alunos da 6ª série de uma escola pública de São Paulo, em meados da década de 1980, um fato curioso aconteceu: muitos alunos terminavam de fazer tarefas de matemática, geografia ou história e iam perguntar aos professores e professoras se podiam ficar lendo a “Antologia”. Uma professora de matemática me procurou e perguntou o que era essa antologia. Mostrei para ela uma cópia – produzida em estêncil a álcool – e ela pediu uma para levar para seus filhos. E, claro, ela deixava os alunos lerem poesia na aula de matemática.

Nunca esqueci essa experiência. Nunca fiz uma prova com aqueles poemas. Uma vez por semana saíamos da sala para ler poesia no pátio da escola (líamos também narrativas). Cada um escolhia o poema que quisesse. Depois, pedíamos que lessem em voz alta o poema escolhido. E quando um(a) aluno(a) escolhia poemas que outros alunos haviam escolhido, não tinha problema, lia-se novamente. A ideia era criar um tempo de convivência com os poemas. E sempre respeitando o gosto (ou o desgosto) de cada um, afinal, muitos diziam que não gostavam de poesia, mas sempre destacavam um que os agradava.

Penso que as antologias poderiam ser mais frequentes em toda escola básica e também na universidade. Apenas para serem lidas e relidas ao longo dos anos. Por exemplo, duas antologias organizadas por Vera Teixeira Aguiar, Simone Assumpção e Sissa Jacob (1997) *Poesia fora da estante*, podem acompanhar leitores do 5º ao 7º ano (não só, mas sobretudo). O livro, se adotado ou adquirido pelos governos, poderia, pelo menos duas vezes por mês, ter poemas lidos, comentados, conversados, encenados – se alguns alunos quisessem –, ilustrados ou simplesmente poderiam ser lidos e relidos.

Trabalhei durante alguns anos com a antologia da coleção *Para gostar de ler*, volume 6 com turmas de 5º e 6º (que correspondem hoje 6º e 7º) anos. Posteriormente, surgiram outros números da coleção voltados para a poesia.

Este Dossiê dos *Cadernos Cespuc de pesquisa: série ensaios* nos traz o amplo espectro das antologias de poemas na contemporaneidade e algumas mais antigas. Alguns refletem sobre o que vamos denominar de *antologias organizadas por um curador que seleciona poemas de vários autores*. Ou seja, são obras constituídas por poemas de várias épocas e vários autores. Esse paradigma de organização de antologias foi revisitado tendo como horizonte leitores do ensino médio.

Iniciamos o dossiê com o texto sobre “Uma antologia poética segundo as canções dialógicas de Maria Bethânia”, de Rafael Batista Andrade, que propõe a organização de uma antologia com os poemas que foram lidos e recitados pela cantora Maria Bethânia ao longo de sua carreira. A proposta é resultado de uma pesquisa cuidadosa do percurso da intérprete e traz uma diversidade de poemas, de diferentes épocas, contemplando poetas brasileiros e portugueses. Para o autor, de posse desses poemas num único volume, o “público também seria instigado a conhecer ou rememorar a obra de Bethânia, principalmente os seus álbuns em que há canções articuladas com poemas.” Acrescentaríamos: o leitor em formação, poderia também ter acesso além dos textos, à potência interpretativa de Bethânia e, por certo, ampliar seu repertório de leitura e vivenciar uma experiência estética ímpar.

Em “A tradição das antologias: reflexões sobre escrita de autoria feminina, identidade e poesia”, Bruna Gabriele Oliveira se debruça sobre a recente antologia organizada pela escritora e já experimentada antologista Heloísa Buarque de Holanda. A obra, denominada *As 29 poetas de hoje*, tem uma representatividade significativa, uma vez que contempla poetas de diferentes pontos do país, aspecto que a diferencia de muitas antologias que se voltam muito para a produção do sudeste do Brasil. Como destaca a autora, “O foco desta análise é discutir, por meio do prefácio o percurso metodológico, discursivo e político adotado pela organizadora, em uma busca de evidenciar como novas vozes femininas se atualizam no campo poético do contexto contemporâneo [...]”.

O terceiro artigo, “Vozes poéticas ecoadas por mulheres negras brasileiras”, de Ângelo Cardoso Sá, volta-se para *Poetas negras brasileiras*:

uma antologia, organizada por Jarid Arraes (2021). A obra traz 74 poemas de mulheres negras, “com idades diversas e que vivem em diferentes estados brasileiros”. Segundo Sá, “[a] pluralidade expressa em cada eu-poético permite afirmar que, mesmo identificando implicitamente uma constante apontando para o gênero e para a cor da pele, os poemas enunciam os muitos jeitos de ser mulher.”

O quarto texto “As vozes que emergem da antologia *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: slam interescolar*”, de Haissa Vitoriano e José Hélder Pinheiro Alves, volta-se para o que pode ser considerado um fenômeno no âmbito da produção de poesia na contemporaneidade: a poesia que nasce dos *slams*, marcada pelas vozes de jovens quase sempre vindos de espaços periféricos. Segundo os autores, o objetivo do artigo é “compreender e elencar possíveis critérios de seleção dos poemas que compõem a antologia, além de discorrer sobre o caráter informador e formador da obra para professores e demais profissionais da área da poesia que almejem trabalhar o gênero literário com jovens e adolescentes.”. Destaque-se que a importância desse trânsito entre a rua e a escola poderá estimular a aproximação de muitos jovens com a poesia.

No artigo “Pensando em poesia: uma análise das visões de poesia da antologia *Poesia faz pensar*”, Thaís Fernanda Viana Batista se debruça sobre uma das antologias da coleção *Para gostar de ler*. Para a autora, “buscou-se analisar a composição da antologia, tendo em vista, principalmente, os nomes selecionados para compor a obra”. Ainda para ela, “a antologia compõe uma importante ferramenta para o trabalho com a leitura de poemas em sala de aula, pois traz uma concepção de poesia como fruto da elaboração estética e da reflexão do poeta sobre as maneiras de escrita dos poemas [...]”. Esse viés da antologia foge um pouco do modelo que muitas vezes associa a poesia meramente a concepções românticas e a construção do poema à inspiração.

O texto seguinte volta-se para uma obra do século XIX. Trata-se de “*Florilégio brasileiro da infância: um breve olhar sobre a antologia*”, de Ana Paula Serafim Marques da Silva, a respeito da obra “destinada à infância que circulou nas escolas brasileiras do ensino primário no final do século XIX”. Os poemas de uma obra como essa, cuja circulação ficou restrita ao século XIX, “configuram-se como verdadeiro arquivo literário, já que apresentam a nascente da poesia infantil no Brasil”, conforme a autora. Por certo, os

critérios de seleção dos poemas revelam muito do que se tinha acesso na época e a concepção pedagógica vigente.

Outra antologia que reúne diferentes autores, de várias épocas é a que está analisada em “*Poesia na escola: como ler e escolher poemas na visão de Alaíde Lisboa*”, de Raquel Beatriz Junqueira Guimarães e Rafael Ubirajara de Lima Campos, que analisa a antologia organizada por Alaíde Lisboa e cuja circulação esteve mais restrita ao estado de Minas Gerais. O artigo apresenta “as concepções da pedagoga sobre a literatura, a leitura, o ensino da leitura literária, a infância, e a formação de leitores.” Também analisa as “ideias presentes nos paratextos da edição e comentários sobre poemas selecionados para a composição da antologia.”

O artigo de Sandrelle Rodrigues de Azevedo, “*Di-versos e Um caldeirão de poemas: as antologias traduzidas de Tatiana Belinky*”, destaca o papel das traduções na formação de nossa literatura infantil e comenta traduções do alemão, russo e hebraico realizadas pela escritora Tatiana Belinky. Para Azevedo, são “cinco antologias que somam cento e vinte seis poemas, uma contribuição significativa dentro do universo de nossa poesia para crianças e jovens.”

Os dois artigos finais deste dossiê se voltam para antologias contendo poemas de um único autor(a). Temos já uma forte tradição dessas antologias, sobretudo com autores ligados ao nosso modernismo. Poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, dentre outros, tiveram seus poemas divulgados nesse modelo de antologia.<sup>2</sup> A partir da metade do século XX surgiu talvez a maior e mais significativa coleção que segue esse modelo: trata-se da coleção *Os melhores poemas*, da Editora Global, que recobre todo o período de nossa historiografia literária, chegando ao final do século XX. As antologias aqui apresentadas são bem recentes. Uma delas é *De amor tenho vivido*, da escritora – ficcionista, dramaturga e poeta – Hilda Hilst. Um de seus diferenciais é o diálogo texto-imagem que se dá entre os poemas e as ilustrações de Ana Prata. Trata-se de um viés pouco comum, até então, em antologias e que pode ser mais uma entrada para a aproximação do leitor em formação. E é a partir desse viés que, em seu artigo “Amando Hilda Hilst: a sedutora antologia ilustrada contemporânea”, Ana Luíza Franco

2 Destaco aqui três poetas que, na década de 1960, publicaram antologias de seus poemas organizadas por eles mesmos: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes. Todas elas continuam sendo publicadas por diferentes editoras

analisa “como o diálogo atual entre texto e imagem contribui para a sedução do leitor contemporâneo, imerso em uma sociedade imagética, além de discorrer sobre as imagens como resultado de tradução intersemiótica criado pela ilustradora a partir da leitura dos versos da poeta.”

Já o artigo final “Poesia, dispersão e antologia em Millôr Fernandes”, de Alessandra Mara Vieira, traz uma visão ampla da obra poética de Millôr Fernandes. Um dos objetivos da autora é “cotejar alguns textos poéticos originalmente publicados na revista *O Cruzeiro*, nos anos 40 a 60, e o modo como são apresentados em dois livros: *Papáverum Millôr* e *Essa cara não me é estranha e outros poemas*, décadas depois.” Segundo a autora, “Millôr resistiu à dispersão quando organizou livros e publicou seus textos literários e artísticos em compilações, uma ferramenta de resistência à fragmentação.”

Este dossiê sobre a poesia brasileira nas antologias tem, portanto, como valor fundamental, discutir e divulgar o papel das antologias na formação de leitores – quer no âmbito escolar, quer de um modo geral, noutros espaços. Que ele instigue outras pesquisas bem como a divulgação de trabalhos que estejam sendo realizados, mas que ainda não tiveram visibilidade. E, sobretudo, que as antologias estudadas sejam mais conhecidas, discutidas e contribuam para a descoberta de autores(as) e para a convivência sempre mais significativa com a poesia.

## Referências

AGUIAR, Vera (coord). *Poesia fora da estante*. Editora Projeto – CPL/PUCRS, 1997.

BANDEIRA, Manuel (org.). *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

BERND, Zilá (org.) *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2011.

BRASIL, Assis (org.). *A Poesia Maranhense do século XX*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1994.

BRITO, Mário da Silva (org.). *Panorama da poesia brasileira*: vol. VI O MODERNISMO. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1959.

BRITO, Mário da Silva (org.). *Panorama da poesia brasileira*: vol. VI – O modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

BRITO, Mário da Silva; RICARDO, Cassiano (org.). *Poesia brasileira para a infância*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BUENO, Alexei (org.). *Antologia pornográfica*: de Gregório de Matos a Glauco Matoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CALCANHOTO, Adriana (org.). *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HORTAS, M. de Lourdes (org.). *Palavra de mulher* (poesia feminina brasileira contemporânea). Rio de Janeiro: Fontana, 1979.

JARDIM, Rubens (org.). *As mulheres poetas na literatura brasileira*. Cajazeiras, PB, 2021.

LISBOA, Henriqueta (org.). *Poemas para a juventude*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--?].

MORAES, Eliane Robert (org.). *Antologia da poesia erótica brasileira*. Desenhos de Arthur L. Piza. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

MOTA, Leonardo. *Viroleiros do norte*: poesia e linguagem do sertão cearense. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: INL, 1976.

PINTO, José Nêumanne (org.). *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

PROENÇA, M. Cavalcanti. (org.) *Literatura popular em verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1986.

ROCHA, Ruth (org.). *Poemas que escolhi para crianças*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2013.